

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

DAYANE SOARES DE SOUZA

ESTUDO DE CASO: PSICOPEDAGOGIA E AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

ANÁPOLIS - GO
2017

DAYANE SOARES DE SOUZA

ESTUDO DE CASO: PSICOPEDAGOGIA E AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

Diagnóstico Psicopedagógico Clínico apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sob a orientação da Profa. Esp. Ana Maria Vieira de Souza.

ANÁPOLIS - GO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

DAYANE SOARES DE SOUZA

ESTUDO DE CASO: PSICOPEDAGOGIA E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Diagnóstico Psicopedagógico Clínico apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sob a orientação da Profa. Esp. Ana Maria Vieira de Souza.

Data da aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Ana Maria Vieira de Souza

ORIENTADORA

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

CONVIDADA

Profa. Esp. Rosa Miria Correia Leite

CONVIDADA

RESUMO

O diagnóstico psicopedagógico é o instrumento utilizado para analisar os possíveis fatores que dificultam a aprendizagem da criança dentro do contexto escolar e tem por finalidade proporcionar aos envolvidos, no processo educacional da criança, meios para que se possa modificar o conflito manifesto. O presente trabalho teve como objetivo colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e expor as principais informações levantadas em um acompanhamento psicopedagógico clínico realizado em um Centro de Educação Infantil da cidade de Anápolis, com um aprendente do sexo masculino, que cursava o Jardim II, da Educação Infantil. Indicou-se, assim, depois dos testes realizados, um acompanhamento psicopedagógico devido ao obstáculo na aprendizagem.

Palavras-chave: Diagnóstico. Psicopedagogia. Dificuldade de Aprendizagem.

ABSTRACT

The psychopedagogical diagnosis is the instrument used to analyze the possible factors that make it difficult for the child to learn within the school context and has the purpose of providing those involved in the educational process of the child with the means to modify the manifest conflict. The present work had as objective to put in practice the knowledge acquired in the postgraduate course in Clinical Psychopedagogy and to expose the main information raised in a clinical psychopedagogical monitoring carried out in a Center for Early Childhood Education in the city of Anápolis, with a male learner, attending Garden II. A psycho-pedagogical follow-up was therefore indicated after the tests carried out due to the learning obstacle.

Keywords: Diagnosis. Psychopedagogy. Learning Difficulty.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	BREVE HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL	8
2.2	OBJETIVOS E FINALIDADES DA PSICOPEDAGOGIA	9
3	METODOLOGIA	10
3.1	DADOS DO APRENDENTE	10
3.1.1	Local de Pesquisa	10
4	DIAGNÓSTICO	12
4.1	VISITA A ESCOLA	12
4.2	QUEIXA DA ESCOLA	12
4.3	DESCRIÇÃO DA ESCOLA	13
4.4	ENTREVISTA COM A PROFESSORA	14
4.5	OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR E ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR	14
5	<i>ANAMNESE</i>	17
6	ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (EOCA)	19
7	SESSÃO LÚDICA CENTRADA NA APRENDIZAGEM	21
8	PROVAS PROJETIVAS	23
8.1	EU E MINHA FAMÍLIA	23
8.2	PAR EDUCATIVO	24
8.3	<i>HOUSE “CASA”, TREE “ÁRVORE”, PERSON “PESSOA” (H.T.P)</i>	25
9	PROVAS PEDAGÓGICAS	27
9.1	REALISMO NOMINAL	27
9.2	PROVA DE CONSERVAÇÃO DA QUANTIDADE DE MATÉRIA	28
10	INFORME PSICOPEDAGÓGICO	30
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	ANEXO A – Declaração	37
	ANEXO B – Termo de Compromisso	38
	ANEXO C – Encaminhamento	39
	ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	40
	ANEXO E – Ficha de Estágio	41
	ANEXO F – Observação na instituição – Roteiro	42
	ANEXO G – Observação da Criança no Espaço Escolar	44
	ANEXO H – Sistema de Hipóteses	47

ANEXO I – Ficha de <i>Anamnese</i>	53
ANEXO J - EOCA.....	66
ANEXO K – Eu e Minha Família.....	67
ANEXO L – Par Educativo.....	68
ANEXO M – H.T.P.....	69

1 INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento que estuda o processo de aprendizagem humana, em que o objeto de estudo é o próprio ser cognoscente sujeito de ID, Ego e Superego na sua compreensão da realidade e na sua construção do conhecimento.

Sabe-se que são vários os aspectos que podem influenciar no processo de ensino-aprendizagem, tais como: estrutura física, relacionamento, estrutura familiar, problemas neurológicos entre outros. Visto isso justifica-se a função da psicopedagogia clínica como uma proposta de intervenção adequada, que tem como objetivo compreender de forma geral como esse sujeito aprende e quais os empecilhos ocorrem nesse processo.

Assim, o objetivo geral deste estudo foi investigar, compreender e analisar o processo ensino-aprendizagem em que uma criança do Jardim II, de um Centro de Educação Infantil (CEI) de Anápolis, identificada como J., está inserido e quais os obstáculos acontecem durante esse processo.

Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica, para a fundamentação teórica e pesquisa de campo, com aplicação de testes próprios da área para verificação dos problemas apresentados.

Dessa forma, o trabalho dividiu -se em capítulos, a saber: a introdução, a qual apresentou as informações necessárias sobre o trabalho; o referencial teórico, que trouxe as reflexões científicas de autores que pesquisaram sobre o tema; os testes para avaliação e diagnóstico do aprendente; o informe psicopedagógico e, por fim, o encaminhamento para o tratamento adequado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL

O surgimento da Psicopedagogia está diretamente relacionado a necessidade de se atender aos transtornos que afetam a aprendizagem, em especial de forma por meio da análise dos fatores que geram as dificuldades nos alunos, promovendo-se a adequação da atuação pedagógica e familiar (CARVALHO; ABREU, 2011).

A introdução da psicopedagogia no Brasil ocorreu na década de 1970, cenário em que as dificuldades de aprendizagem estavam quase que totalmente relacionadas a problemas de ordem neurológica, o que levou a uma medicalização de problemas de ordem social e pedagógica (MACHINESKI et al., 2011). Assim, fez-se necessário um novo campo de atuação que investigasse e compreendesse de fato o que realmente ocasionava as dificuldades de aprendizagem, com o intuito de saná-las.

Por meio do histórico da Psicopedagogia, constata-se que seu surgimento está diretamente vinculado à Pedagogia e à Psicologia. Seu objeto de estudo é o processo de aprendizagem, que considera não apenas o sujeito, mas o ambiente em que está inserido, ou seja, fatores internos e externos (OSTI; MARCELINO, 2008).

Em 12 de novembro de 1980, um grupo de profissionais já envolvidas e atuantes nas questões relativas aos problemas da aprendizagem fundou a Associação Estadual de Psicopedagogos do Estado de São Paulo (AEP). Devido ao grande interesse em torno dessa Associação, a sua expansão a nível Nacional surgiu como necessidade imperiosa. Em 1986, a AEP transformou-se na Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) e gradativamente foram sendo criados os seus escritórios de representação por todo o Brasil, denominados de Núcleos e Seções. A Associação Brasileira de Psicopedagogia é uma entidade de caráter científico-cultural, sem fins lucrativos, que congrega profissionais militantes na área da Psicopedagogia (Associação Brasileira de psicopedagogia (ABPp, 2010).

A Psicopedagogia é um campo interdisciplinar, sendo uma área de estudo que possui suas especificidades e concomitantemente se inter-relaciona com outros campos do saber, em que seu campo de atuação se constitui pelas dificuldades que se interpõe no processo de aprendizagem e gradativamente que se torna uma área de pesquisa que favorece um melhor entendimento do processo cognitivo humano (ALMEIDA, 2014).

O papel do psicopedagogo tem se ampliado na atualidade, em função das especificidades de sua formação, o que contribui na harmonização do clima organizacional, investigação e sugestão de abordagens nos casos de dificuldades de aprendizagem. Contudo, a realidade que se observa ainda não é a ideal, revelando a importância de se ter um Psicopedagogo com a função de prevenir e mediar possíveis impasses durante o processo de ensino-aprendizagem, para que as instituições de ensino possam promover uma aprendizagem realmente significativa aos discentes considerando as particularidades de cada ser.

2.2 OBJETIVOS E FINALIDADES DA PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia tem o objetivo, de acordo com o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia, no artigo 3º: promover a aprendizagem, de forma a contribuir para os processos de inclusão escolar e social; compreender e propor ações frente às dificuldades de aprendizagem; realizar pesquisas científicas no campo da Psicopedagogia; mediar conflitos relacionados aos processos de aprendizagem.

A escola, sob o enfoque psicopedagógico, pressupõe considerações acerca da formação do professor, que por sua vez, requer um suporte que pode ser promovido pelo psicopedagogo, tendo em vista torná-la mais eficiente (SOUZA, 2013).

Constata-se por fim que, o Psicopedagogo é um importante profissional, dotado de um rico conhecimento para o processo ensino-aprendizagem escolar. Lamentavelmente, a legislação brasileira não tem admitido a prevalência dele no ambiente escolar, conforme pode-se observar pelos editais de concurso público para a educação, que não contemplam o cargo.

3 METODOLOGIA

Para elucidar os objetivos deste trabalho, realizou-se pesquisa de campo que corresponde à observação, coleta, análise e interpretação de fatos e fenômenos que ocorrem dentro de seus nichos, cenários e ambientes naturais de vivência, além de pesquisas bibliográficas acerca da temática, baseada em autores que tratam com cientificidade das questões apresentadas e estudadas.

3.1 DADOS DO APRENDENTE

Nome: J.

Data de nascimento: 15/10/2011

Sexo: Masculino

Responsáveis: avó materna e avô

Turma: Jardim II da Educação Infantil Municipal de Anápolis.

3.1.1 Local de Pesquisa

Este estudo de caso foi realizado em um Centro de Educação Infantil da rede Municipal de Anápolis, localizado em uma área considerada perigosa devido ao alto índice de uso e tráfico de drogas por parte de alguns moradores.

3.2 TÉCNICAS UTILIZADAS PRÓPRIAS DA PSICOPEDAGOGIA

Para a realização de um estudo psicopedagógico, faz-se necessárias aplicações de diversificados testes para a compreensão e análises das queixas apresentadas. Dessa forma, os testes aplicados foram:

- a) Entrevista Familiar Exploratória Situacional;
- b) *Anamnese* (Anexo I);
- c) Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem;
- d) Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA) (Anexo J);
- e) Provas Projetivas (Anexo K e Anexo L);
- f) Provas Pedagógicas Piagetianas;
- g) Realismo Nominal;
- h) Observação (Anexo F), e;

i) *House* “casa”, *Tree* “árvore”, *Person* “pessoa” (HT P). (Anexo M);

4 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico é uma pesquisa para descrever minuciosamente um problema e no diagnóstico psicopedagógico esse problema relaciona-se, diretamente, com as dificuldades de aprendizagem. Portanto, deve-se iniciar a pesquisa com a finalidade de levantar os dados sobre o sujeito atendido, como: seu contexto individual, familiar e escolar. Weiss (1994) diz que o objetivo básico do diagnóstico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no modelo de aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social. Esse, trata-se, então, de um instrumento de investigação, para o levantamento de hipóteses sobre as queixas levantadas em relação ao aprendente J., de 5 anos, que cursa o Jardim II de um Centro de Educação Infantil de Anápolis.

4.1 VISITA A ESCOLA

Ao escolher a instituição para desenvolver este Estágio, realizou-se a visita, em que o primeiro contato foi realizado com a gestora da unidade, que prontamente colou-se a disposição para ajudar diante de todo o processo de estágio, apresentando os documentos necessários para a pesquisa, como: Declaração (Anexo A); Termo de Compromisso (Anexo B); Encaminhamento (Anexo C); Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo D), e; Ficha de Estágio (Anexo E).

Assim, foi exposto o objetivo que era desenvolver uma investigação sobre o processo de aprendizagem de alguma criança que não atingisse os objetivos propostos, realizando o diagnóstico psicopedagógico clínico, afim de contribuir no desempenho escolar da criança. Após os objetivos apresentados a gestora E. S. demonstrou bastante interesse e relatou que pediria a autorização para o responsável do aprendente para que tal investigação fosse realizada.

4.2 QUEIXA DA ESCOLA

As queixas apresentadas sobre o aprendente em questão era de que ele era uma criança inquieta, segundo a coordenadora e que possuía grande dificuldade em seguir as regras do CEI, além de apresentar um comportamento infantilizado para a sua idade, o que leva a pensar que suas ações são realizadas para chamar a atenção de todos a sua volta.

4.3 DESCRIÇÃO DA ESCOLA

O Centro de Educação Infantil pertence à Rede Pública de Anápolis e atende, atualmente, 127 alunos, com seis salas de aula distribuídas nos turnos de funcionamento pela manhã e tarde com séries da Educação Infantil. É um ambiente educacional que possui estrutura física adequada dentro das possibilidades, pois o prédio, em um primeiro momento, seria uma igreja e, posteriormente, foi adaptado para atender a população. Contém um pátio, uma cozinha, um refeitório, um banheiro na parte inferior para as crianças de ambos os sexos (de berçário ao Maternal I) e dois banheiros no piso superior, um masculino e o outro feminino. As salas são bem iluminadas e ventiladas, porém as salas do piso superior não são forradas, o que a torna muito quente nos dias de sol intenso.

Dessa forma, sobre o espaço físico que compõem as escolas, Rinaldi (2002) diz que,

[...] O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações (RINALDI, 2002, p. 77).

Diante desta afirmativa, é bastante relevante que a escola apresente espaços que possibilitem a criação de novos saberes e novas experiências, que favoreçam o autoconhecimento, a autonomia e o desenvolvimento de habilidades tais como: cognitivas, afetivas, social e cultural, visando oferecer maiores possibilidades para que os indivíduos se desenvolvam por completo.

A proposta pedagógica da instituição faz parte do Projeto Político Pedagógico, que promove a integração do sujeito entre os aspectos físicos, emocionais, objetivos, cognitivo, linguísticos e sociais de modo prazeroso e lúdico, com o intuito de buscar a interação entre as diversas áreas do conhecimento e os aspectos da vida cidadã.

O corpo docente conta com 11 professoras, uma gestora pedagógica, uma coordenadora pedagógica e uma secretária geral e todas possuem mais de uma especialização na área educacional.

O quadro de funcionários conta também com dois vigias e quatro auxiliares de serviços gerais, onde todos demonstram-se bastante envolvidos com as crianças. Vale destacar o carinho que os vigias têm pelas crianças e elas pelos vigias.

É realizado, todos os dias, com as crianças, o momento de Devocional, em que elas cantam e fazem gestos, motivadas pelas professoras, em louvor a Deus.

4.4 ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Ao entrevistar a professora K, que é docente do aluno em questão, percebe-se que ela está bastante apreensiva em relação ao comportamento e ao desenvolvimento de J. Ela relata que durante as atividades propostas por ela o discente fica bastante agitado, desejando sempre que seus colegas brinquem com ele e que ainda não presenciou momentos em que ele quisesse ou conseguisse brincar sozinho. Disse ainda, que J. apresenta dificuldades em cumprir regras de autorregulação, que durante as atividades J. tem momentos de impulsividade e movimentos repetitivos com a boca, como se estivesse mordendo com bastante força.

Em relação a aprendizagem referente a J., a professora pontua que ele reconhece a primeira letra de seu nome e consegue escrevê-la, porém não aceita que outras palavras tenham a mesma letra, sendo necessário explicar a ele várias vezes que a letra J aparece em várias palavras diferentes. Relata que J está em processo desenvolvimento em relação à matemática, que o mesmo conta de zero à nove e reconhece as cores primárias, porém ainda não consegue escrever os números e nem faz relação entre o símbolo e a quantidade. A professora destaca, também, que J. é muito atento a qualquer modificação feita na sala e bastante questionador, sempre perguntando como e porque determinados fatos acontecem.

Portanto, compreende-se, após a realização da entrevista com a ensinante, que o aprendente apresenta em sala de aula, inquietudes, agitação, não aceita cumprir regras e não apresenta interesse pela aprendizagem.

4.5 OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR E ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR

Sabe-se que são muitos os aspectos que podem contribuir para uma aprendizagem significativa tais como: atividades motivadoras, afetividade, disposição dos conteúdos, etc. Dentre eles está também o espaço escolar que necessita oferecer

aos estudantes conforto, boa iluminação e ser um ambiente estimulante a aprendizagem, como nos afirmam Galardini e Giovannini (2002, p. 118)

Os espaços escolares são grandes parceiros no processo de ensino e aprendizagem, ao afirmarem que, [...] A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar.

J é uma criança bastante assídua, chega ao CEI acompanhado por seu avô adotivo, outra hora por sua avó materna que sempre o levam na porta da sala de aula. Ao chegar J. cumprimenta sua professora com um bom dia, coloca sua mochila no lugar e se dirige ao seu assento. Em um determinado dia percebeu-se que a sua ensinante o abraçou e ele se sentiu incomodado querendo logo sair do abraço.

Durante a chegada das crianças foram distribuídas peças de encaixe que simulavam a construção de casas e prédios. Durante esta atividade, por várias vezes, J. se desentendia com seus colegas, pois pegava as peças das outras crianças.

Durante as atividades o aprendente ficava pouco atento à professora, se distraíndo muito rápido e chamando a atenção dos seus colegas que se distraem com suas atitudes. J se relaciona bastante com seu amigo de classe A. que o imita frequentemente, tanto em suas ações quanto na fala. Segundo a ensinante o aluno A. passa por avaliações com diferentes profissionais (Psicólogo, Fonoaudióloga) devido ao seu comportamento e sua fala que é inadequada para sua idade.

Percebe-se na observação que J. é pouco aceito pelos seus seis colegas de sala, devido ao seu comportamento agressivo. Durante a aula percebe-se que as crianças falam por várias vezes que não querem brincar com ele, pois o definem como sendo “custoso”. A professora interfere várias vezes para atenuar a relação de J. com os outros colegas, por vezes o repreendendo por suas atitudes e em outras dizendo aos colegas que devem ajudá-lo a melhorar.

Na observação realizada durante as refeições o aluno continua bastante agitado. A docente relata que no primeiro mês J. não comia no CEI. Ela disse que insistiu de várias formas, por muitas vezes, porém sem retorno e que J. sempre alegava que a comida de sua casa era diferente, mas não sabia explicitar como. Assim, a professora K. ressaltou que conversou com sua avó sobre a sua falta de apetite e a mesma disse que J. possui de fato pouco apetite, e então depois de parar

de insistir J. começou a comer. Observou-se que J., durante as refeições, abocanhava a comida com bastante força apenas do lado direito, sendo possível ouvir o som de seus dentes batendo com força na colher.

J. costuma brincar com todo tipo de material e se perde facilmente durante as atividades. Durante a atividade de recorte, após conseguir concluí-la, começou a imaginar que a tesoura era um avião. Nas atividades com peças de encaixe, a todo momento, jogava peças no chão para acertar seus colegas. J. leva para o CEI apenas sua mochila e sua agenda, que são guardados todos os dias no mesmo local junto com as das outras crianças.

Durante as atividades psicomotoras J. é bastante participativo e consegue realizá-las sem dificuldade, porém espera sua vez sempre em movimento. Demonstra viver no mundo da fantasia, pois, por várias vezes, repetia frases famosas de desenho animado, tais como: “Sinto cheiro de algo ruim”. Durante todo o dia realiza movimentos repetitivos, como piscar os olhos seguidas vezes e bater os dentes.

Sua ensinante demonstra bastante preocupação ao seu desenvolvimento em sala, tentando de várias formas fazer com que ele participe das atividades propostas. A mesma é bastante atenciosa e sempre que chama a atenção J. ela se abaixa à sua altura e olha em seus olhos.

Com os dados coletados pode-se concluir que o ambiente em que J. está inserido é um ambiente lúdico, alfabetizador e dinâmico, em que é oferecido a ele várias possibilidades para que possa se desenvolver em todos os seus âmbitos. Esse ambiente facilitador ampara a criança, mas essa ainda se encontra em um posicionamento inquieto, agressivo e tentando chamar a atenção.

5 ANAMNESE

A compreensão da *anamnese* para a psicopedagogia clínica é de extrema importância, pois auxilia no levantamento das hipóteses e no delineamento da investigação. De acordo com Porto (2009, p. 116), “constitui-se em um instrumento muito útil para o processo diagnóstico, pois auxilia a investigação do objeto focal [...] as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem do sujeito.” Através da *anamnese* consegue-se obter a análise de dados, desde a concepção ao momento atual da vida do aprendente, por ser uma investigação profunda e detalhada.

Através deste instrumento é possível levantar hipóteses que auxiliarão na seleção de outros instrumentos do diagnóstico, com base nas hipóteses levantadas. Todas as informações apresentadas neste capítulo foram relatadas pelo avô adotivo de J. e obtidas através da *anamnese*. (Anexo I).

J. nasceu no dia 11 de outubro de dois mil e onze na cidade de Anápolis/GO. Acredita-se que a gravidez de sua mãe não foi planejada. Ele reside na casa da avó materna e do avô adotivo e ambos cursaram até o 3º ano do Ensino Fundamental, sendo o avô servente de pedreiro e a avó diarista. O aprendente nunca teve contato com o pai e que está com a guarda das crianças, aproximadamente desde os dois anos de idade. Seus pais são separados e ausentes em sua rotina familiar, sendo que a mãe costuma visitá-lo esporadicamente.

Quando questionado sobre o motivo que o levou a cuidar da criança o avô relata que não queria que J. fosse para o Conselho Tutelar para que outras pessoas não falassem que ela não tinha parentes que cuidassem dela. Sobre as condições da gestação foi relatado que tudo aconteceu dentro que se espera ser normal, ou seja, a mãe realizou o pré-natal conforme as orientações médicas, sem quedas, fazendo ultrassom de rotina, com parto normal e o choro esperado ao nascimento.

Em relação a sua alimentação acredita-se que mamou até os dois anos de idade no seio de sua mãe e ao ser inseridos diferentes alimentos na sua alimentação não demonstrou reação adversa a nenhum.

Quando chegou à casa de seus cuidadores, aos dois anos, já engatinhava e começou a falar aproximadamente aos três anos. A criança foi levada ao pediatra pois observou-se que ele demorava muito a falar e o médico afirmou que seria normal ela não falar até os quatro anos de idade, e só depois dessa idade a encaminharia para um profissional da área.

O sono de J. é bastante agitado, com interrupções durante o dia e a noite. A criança dorme na cama dos avós e depois é levado para a sua e caso acorde durante a noite, ele retorna à cama dos avós.

Sobre sua sociabilidade, o avô destaca que o aprendente sempre foi bastante sorridente, quando bebê gostava de ir com pessoas desconhecidas e que sempre gostou de brincar com outras pessoas, mas que sentia muito ciúme quando os avós pegavam outras crianças no colo e que J. não gostava que ninguém brincasse com seus brinquedos.

Nas relações afetivas J. costuma chorar quando é contrariado e foi pontuado que ele nunca chora de alegria, pois é muito nervoso. Suas demonstrações de carinho ocorrem quando o avô está deitado no sofá e J. deita em seu colo até dormir e frisa novamente o ciúme de J. quando o avô está com outra criança.

Salienta-se, ainda, que J. apresenta raiva de sua mãe, pois, em diversos momentos, a manda ir embora de sua casa quando vai visitá-lo.

Os seguintes adjetivos de J. foram destacados por seu avô: atento, observador, descuidado, asseado, sociável, sensível, rápido, ativo, participativo, interessado, esperto, persistente, criativo, curioso, inquieto, teimoso, agressivo, mimado, carinhoso, chorão e independente.

Foi destacado, também, que J. está bastante feliz no Centro de Educação Infantil, que sempre vai estudar alegre e sorridente, e quando não há aula a criança fica triste.

Através dos dados coletos percebeu-se que J. é uma criança abandonada pela família, sendo acolhida apenas para seus parentes mais próximos não serem julgados como incapazes. Apresenta insegurança ao dormir com os avós e demonstra ser uma criança nervosa, inquieta e com dificuldades em obedecer a regras.

6 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (EOCA)

A EOCA é um procedimento de diagnóstico flexível, que investiga os aspectos Psicogenético/ Psicanalítico ou Psicossocial. Para Visca (1987), a EOCA deverá ser um instrumento simples, porém rico em seus resultados. Assim, com este instrumento, é possível avaliar como o sujeito se percebe diante do contexto em que está inserido.

Para tanto, foi dada a consigna: *“Mostre-me o que você sabe...”*, então J. começou a desenhar três pontos e percebeu-se que estava meio confuso sobre o que desenharia, logo em seguida desenhou pelo canto inferior da página o que compreende por um pé e começou a narrar o que fazia: *“É um velho de bigode e nariz”*.

Segundo J., o velho tinha uma ideia que os amigos poderiam jogar bola com ele mas ninguém o ouvia. Disse que o senhor se chamava Francisco, que ele ficava sem água e sem comida porque os negros bandidos o prenderam e que ele descobriu uma casa sem mulher, com vida boa. Relatou, ainda, que esse homem só bebia e comia na casa nova e tomava “refri”, que dormia durante a tarde, que ele abandonou os filhos, que o senhor foi tomar banho e depois as crianças sumiram.

Conta que a mãe quebra as coisas que são de Francisco pois são coisas de bandido. Ao ser perguntado que coisas seriam essas ele responde que é uma arma de atirar de verdade e que a mãe bateu nele e ele nunca mais fez isso. Continuando a verbalizar diz que Francisco não é uma pessoa boa, pois atirou em sua mãe e a vontade dele é de fazer o mal. E então finalizou com a palavra “FIM” e pediu para que a escrevesse para ele.

Através da realização do teste acima pode-se perceber que o aprendente não consegue se entender como uma pessoa amada dentro de sua estrutura familiar. Em vários momentos do seu desenho demonstra acreditar que a felicidade para ele será impossível.

Quanto à análise dos desenhos e fala do aprendente, percebe-se que ele possui facilidade em se expressar e possui boa dicção das palavras, com uma sequência lógica dos fatos, com ênfase nos sentimentos e atitudes como assunto principal de sua obra.

Durante a execução da prova, J. falava a todo momento com a observadora, relatando aquilo que desenhava. Apresentou boa postura corporal, realizou um

desenho com riqueza de detalhes, com olhos “vazios”, ressaltando que não se sente visto por ninguém.

O bigode significa castração, algo da ordem do impossível, em que tudo é rotulado de incapaz por alguém. As mãos no desenho que parecem segurar paredes para que não se fechem, como se as estivessem comprimindo, corpo quadriculado que representam o seu corpo em cacos e pedaços, ou seja um corpo fragmentado.

Com tudo o que foi exposto, é evidente que J. se sente fragmentado e incompleto, uma criança que já se sente rotulada como alguém que será incapaz de ser feliz e que traz prejuízo ao outro com sua presença. Portanto, é um sujeito epistemofílico, em que Visca (1994, p.68) destaca que existe um vínculo inadequado com objetos e situações de aprendizagem, desencadeando um estado afetivo alterado que, segundo a teoria, pode se manifestar como uma ansiedade confusional, esquizo-paranóide ou depressiva; agindo de forma predominante, alternada ou coexistente.

7 SESSÃO LÚDICA CENTRADA NA APRENDIZAGEM

Através da hora do jogo pode-se analisar a modalidade de aprendizagem do sujeito, de onde também estarão envolvidos aspectos conscientes e inconscientes da relação de aprendizagem. Segundo Bossa (2000, p. 105),

O uso de jogos também é sugerido como recurso, considerando que o sujeito através deles pode manifestar, sem mecanismos de defesas, os desejos contidos em seu inconsciente. Além do mais, no enfoque psicopedagógico os jogos representam situações-problemas a serem resolvidos, pois envolvem regras, apresentam desafios e possibilita observar como o sujeito age frente e a eles.

Quando o aprendente chegou à sala foi chamado a se sentar no tapete e lhe mostrado uma caixa, e dito que ele poderia brincar como quisesse e quando faltasse cinco minutos para o tempo da sessão acabar ele seria avisado. Ao abrir a caixa, J. demonstrou-se bastante surpreso. Aos poucos retirou os objetos da caixa e os observou.

Após retirar todos os brinquedos da caixa pegou os super-heróis (homem aranha e capitão américa), alguns blocos de montar e três carrinhos. Com os blocos montou pequenas casas e perto delas colocou alguns carrinhos e então começou a dialogar com os heróis dizendo: *“Precisamos prender aqueles caras, eles estão bebendo e brigando”*.

Ele manuseava os brinquedos de forma que destruíam as casas que ele havia montado e depois os colocava em cima dos carrinhos e corria pela sala. Em determinado momento, olhou para uma boneca por alguns segundos, passou a mão em seus cabelos e depois fechou o semblante e disse: *“Não vou brincar com você”*. Em seguida pegou algumas folhas e lápis, olhou para a psicopedagoga e disse: *“Hoje não quero pintar, já pinte muito hoje”*. Depois, pegou alguns bonecos (três homens e uma mulher) colocou a seu modo em cima de um avião e disse: *“Felizes para sempre tia.”* A psicopedagoga questiona: *“Onde eles serão felizes para sempre?”* e J. respondeu. *“Lá onde todas as pessoas são felizes “uai”. Lá no céu.”* E então disse que não queria brincar mais. Assim, questionou-se por qual motivo e ele respondeu: *“Eles já foram ser felizes, agora já acabou e eu estou cansado”*. Começou a guardar alguns objetos e observou-se que ele havia pegado um carrinho e colocado no bolso achando que seu ato não tinha sido visto. Para guardar os objetos na caixa J. os arremessava e sorria, assim que terminou disse: *“Pronto!”*

Então, houve um pequeno diálogo, onde a psicopedagoga indagou: “*Você guardou todos os brinquedos? Você não esqueceu nenhum?*” A criança respondeu que guardou todos. Ao ser apontado que um encontrava-se em seu bolso, ela argumentou que pensou que havia ganhado o carrinho de presente.

A psicopedagoga explica que os brinquedos eram para várias crianças brincarem e que ele não poderia levá-lo para a casa e que quando se espera ganhar algo de presente, o outro é que toma a iniciativa.

Dessa maneira, conclui-se que a criança demonstra que já aprendeu que a vida oferece objetos que servem para a morte como o revólver e a dor de não ter pessoas que ama ao seu lado. Ela acredita que para ser feliz para sempre, é necessário morrer.

8 PROVAS PROJETIVAS

Os testes projetivos são instrumentos utilizados com a finalidade de proporcionar um meio concreto para que o aprendente projete aquilo que está presente em seu inconsciente.

Segundo Visca, (2011, p. 15),

as técnicas projetivas são um recurso entre outros que permite investigar as dimensões no que se refere ao vínculo ou vínculos que um sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita, assim como também com as circunstância dentre as quais se opera a construção.

8.1 EU E MINHA FAMÍLIA

Através do teste da família é possível verificar a percepção que o sujeito tem de si mesmo em relação aos outros membros. Ou seja, no desenho, o aprendente poderá projetar livremente o que está no inconsciente sobre sua família.

Assim, foi entregue ao aprendente um lápis de escrever e uma folha de papel A4 e deu-se a seguinte consigna: “*Desenhe uma família*”. (Anexo K).

J. começou o seu desenho pelos pés, no canto direito centralizado da página, conversou algo dizendo: “*Você tem dentes afiados*”. Logo depois começou a apagá-lo. Pelos gestos de suas mãos percebeu-se que iria amassar a folha, mas logo desistiu. J. olhou para a observadora e disse que era seu pai e começou a pintá-lo com lápis de escrever pela barriga em movimentos circulares, dizendo que quer que a ponta do lápis acabe. Pintou também todo o rosto do desenho.

Depois, começou a desenhar outro personagem no canto esquerdo superior da folha e disse que era sua mãe e que ela é mais velha que seu pai. Ao término do personagem virou a folha e desenhou mais dois personagens e disse que eles jogavam bola.

Ao terminar a atividade, lhe foi solicitado que contasse a história daqueles personagens e então ele relatou que desenhou seu pai L. e que ele estava segurando um martelo para amassar a faca, sua mãe planejava coisas que seriam lavar vasilhas. Perguntou-se o que ele havia desenhado na cabeça de sua mãe e J. respondeu que era uma touca que ela deveria usar no cabelo. J. relatou também que o desenho no canto esquerdo inferior da página tratava-se dele e seu irmão D. jogando bola e que seus pais brigam muito porque eles gostam de beber cerveja. O aprendente disse que

o seu pai ia cortar o cabelo de sua mãe, mas o M. não deixou, pegou duas facas e pediu para pararem com aquilo agora. E então pediu para que fosse escrito fim e não queria mais falar sobre o assunto.

Com a análise do desenho pode-se constatar que J. vê sua família como agressiva. O fato para a compreensão de anulação desse pai em sua vida. O desenho a que ele se refere como sendo ele e seu irmão pode sugerir que há presença de abuso sexual, visto que um dos personagens apresenta o que poderia ser um objeto fálico perto de um buraco e este está sorrindo, e o outro personagem ao lado aparece de cabeça baixa e com aspecto triste. Para tanto, necessita-se averiguar, através de outros testes, se há ou houve abuso sexual por parte de outros em relação a criança.

8.2 PAR EDUCATIVO

O Teste do Par Educativo tem como objetivo obter informações a respeito do vínculo estabelecido da criança em relação a aprendizagem, como foi internalizado por ela o processo de aprender e qual a sua visão sobre quem ensina e quem aprende. Os dados coletados contribuirão para elaboração de hipóteses a respeito da visão do paciente de si, dos professores, de seus companheiros de classe e até mesmo da instituição educativa.

Dessa forma, entregou-se ao aprendente uma borracha, um lápis de escrever e uma folha de papel A4 e deu-se a seguinte consigna: *“Desenhe uma pessoa que aprende e outra que ensina”*. (Anexo L).

Então J. começou a desenhar na folha em posição horizontal, com dois círculos. Notou-se, então, que ele estava confuso, como se não soubesse o que desenhar. Depois de alguns minutos dialogou enquanto pintava e disse que estava desenhando um carro de corrida. Desenhou dois círculos com bastante velocidade, enquanto dizia que o carro do desenho corria para ganhar um troféu com asas, que a corrida era até fácil, porém o seu pneu havia estourado e ele estava sozinho. Quando questionado quem poderia ajudá-lo, ele disse que ninguém poderia e pediu para que psicopedagoga escrevesse a palavra “FIM” em seu desenho.

Ao observar atentamente o que foi feito pela criança, percebe-se um rosto, com uma boca “cheia”, ou seja, silenciada pela dor. Também estão presentes grandes olhos, como se estivessem inundados de lágrimas e ao lado de um deles são nítidas

as lágrimas caindo. Portanto, trata-se de um desenho que representa a dor e o desespero desta criança.

Assim, a análise do Par Educativo deixa claro que há alguém que toca em um lugar proibido, no caso o ânus, o que levanta a hipótese de que quem ensina é o grande outro, e o que se aprende de alguma forma traz sofrimento e quem aprende é a criança a duras penas através do sofrimento.

8.3 HOUSE “CASA”, TREE “ÁRVORE”, PERSON “PESSOA” (H.T.P)

O HTP foi criado por John N. Buck, em 1948, e tem como objetivo compreender aspectos da personalidade do indivíduo, bem como a forma que interage com as pessoas e com o ambiente. Este teste estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito dentro da situação terapêutica e proporciona uma compreensão dinâmica das características e do funcionamento do indivíduo (BUCK, 2003).

O H.T.P. foi aplicado ao aprendente, objeto deste estudo, e depois avaliado por uma Psicóloga. Dessa maneira, deu-se a consigna: “*Desenhe uma casa, uma árvore e uma pessoa*”. (Anexo M).

J. começou a desenhar pela casa e durante toda a projeção verbalizava, porém em alguns momentos era inaudível. A casa está desenhada em plano horizontal, com várias janelas, inclusive no telhado. A presença de porta, uma campainha e uma pessoa grande, sorridente, sem pernas e com os olhos “vazios em sua frente”. Destaca-se a campainha fazendo o seu som “tim- tim” e diz que alguém quer entrar só que não contará quem é. Logo em seguida mostra que na chaminé da casa sai fumaça.

A psicopedagoga o questiona sobre quem mora naquele lugar e ele responde, “*um astronauta e ele está construindo a casa do jeito que ele quer e ele quer proteger a casa para não criar mosquito da dengue. É uma casa com várias janelas tia para que ele possa ver várias coisas. Ele está segurando um martelo e uma faca*”. Então é questionado sobre porque o astronauta está com um martelo e uma faca? E ele responde que é para fazer coisas más, porém não quer mais falar sobre isso.

Seu segundo desenho é a árvore, que é desenhada verticalmente o que parece ser uma copa de árvore ondulada, depois faz um pequeno caule e três círculos em cima. Em seguida começa a fazer uma grande espiral dentro da árvore. Ao ser

questionado sobre qual tipo de árvore ela é, J. responde que é uma árvore de natal ligada em um cabo de televisão e que dentro dessa árvore está um homem que a constrói e que ele tem três olhos e uma barriga grande e outra miudinha.

Seu último desenho foi o da pessoa humana, que ficou na folha verticalmente, começando pela cabeça, depois olhos, nariz e boca e ao mesmo tempo dizia, *“Vou desenhar um fantasma de fogo bonzinho, é um menino bem ‘Bom’. Ele gosta de pegar fogo nas pessoas, e quer dar bom dia, mas pega fogo nas pessoas, ele é um menino conhecido por aqui”*. Então, dentro do suposto fantasma começa a desenhar outro menino e diz que o desenhou lá só para ver ele se queimar e morrer e depois de desenhá-lo. Em seguida, começa a rabiscá-lo como se fosse o fogo o consumindo e novamente verbaliza, *“O fogo está apagando o menino e ele vai morrer dentro do fogo. Ele veio de Goiás sabia?”*. Em seguida desenha um outro personagem que diz ser amigo do fantasma de fogo, este personagem está com o aspecto feliz, porém com olhos vazios e supostamente dentro de um caixão. Ao desenhá-los a criança falava:

Ele ficou triste por que ninguém queria ouvir ele e ele desejou ser amigo de outra pessoa. E o amigo dele aqui em cima ficou feliz queimado. Jogaram água nele e ele parou de queimar, e o fantasma iria embora e ganharia presente de não se queimar. E todos ficaram monstros. FIM tia!

De acordo com a análise realizada pela Psicóloga, a princípio o desenho da casa demonstra através da chaminé ênfase nas preocupações sexuais, a porta sendo inacessível, e a grande quantidade de janelas faz pensar sobre o exibicionismo dos seus atos que de alguma maneira chamam a atenção para si. A casa no geral remete a um lugar inseguro e de angústia.

Sobre a árvore ela representa o útero materno, cheios de obstáculos encontros e desencontros, a rotação dos seus traços no interior da traz a extrema angústia, o fato de ser uma árvore de natal revela, mais uma vez, o exibicionismo e a necessidade de ser visto. A árvore demonstra o quanto J. se sente perdido sem compreender o que acontece ao seu redor.

Sobre o desenho da pessoa humana, fica claro que J. apresenta traços suicidas e que ele entende a morte como o fim de sua dor. O fogo é um poder de destruição rápido, por isso a sua escolha por este elemento. Ao final do seu desenho é possível observar a imagem de alguém em um caixão e em sua frente um anjo, que representam a sua morte e sua libertação da dor.

9 PROVAS PEDAGÓGICAS

As provas Piagetianas são um conjunto de jogos que servem para orientação sobre o desenvolvimento cognitivo em que a criança se encontra, tendo em vista que suas bases epistemológicas são os estudos de Jean Piaget, conhecido como epistemologia genética (PIAGET, 1967). Estas provas contribuem para a compreensão do nível do pensamento alcançado pela criança ou, o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente.

9.1 REALISMO NOMINAL

O realismo nominal é uma característica do pensamento infantil em função do qual a criança expressa dificuldades em dissociar a palavra e o objeto a que esta se refere, como duas realidades distintas (PIAGET, 1967). Como foi afirmado por Piaget o realismo nominal trata-se, então, de quando a criança atribui a palavra escrita as mesmas características do objeto

A seguir apresenta-se o questionário realizado para a prova de realismo nominal.

Observador: *“Me diga uma palavra grande”.*

J.: *“Corrida”*

Observador: *“Por que corrida é uma palavra grande?”*

J.: *“Porque é mais boa”*

Observador: *“Me diga uma palavra pequena.”*

J.: *“Brinquedo”*

Observador: *“Por que brinquedo é uma palavra pequena?”*

J.: *“Porque é bem miudinho”*

Observador: *“Qual é a maior palavra boi ou aranha?”*

J.: *“Aranha. Por que faz teia no telhado e a gente morre envenenado”.*

Observador: *“Qual é a maior palavra trem ou telefone?”*

J.: *“Telefone. Por que quando atende faz o maior barulho”*

Observador: *“Diga uma palavra parecida com bola.”*

J.: *“Jogar futebol”*

Observador: *“Diga uma palavra parecida com cadeira.”*

J.: *“Descansar”*

Observador: *“As palavras baleia e bala são parecidas?”*

J.: *“Não porque se atirar na baleia ela morre.”*

Observador: *“Olhe para essas duas palavras. Onde está escrito cadeira?”*

J.: *“Não sei”*

Observador: *“Nesses cartões estão escritos pé e dedo. Onde você acha que está escrito pé, e onde está escrito dedo?”*

J.: *“As duas são dedos”.*

Compreende-se, então, depois do teste aplicado, que o aprendente não supera o realismo nominal, visto que ele não entende a escrita como uma forma de representação e atribui características do objeto a palavra.

9.2 PROVA DE CONSERVAÇÃO DA QUANTIDADE DE MATÉRIA

Foram apresentadas à criança duas barras de massa plástica do mesmo tamanho e espessura, de cores diferentes (azul e verde) e foi pedido a ela que fizesse duas bolas que tenham a mesma quantidade de massa. Para facilitar a compreensão foi simulado que seriam bolinhos que seriam comidos, mas para isso era necessário que tivessem a mesma quantidade nos dois bolinhos. E quando foi perguntado o que ela deveria fazer, respondeu que era só enrolar as duas até ficarem iguais. E então mostrou as duas bolinhas e disse que já poderiam ser comidas, pois estavam iguais.

Logo após, foi solicitado que transformasse apenas uma bolinha em uma salsicha e enquanto realizava os movimentos para que a transformação acontecesse disse que gostava muito de salsicha com pão e que juntos viravam “cachorro-quente”. Quando terminou a modelagem perguntou-se se havia o mesmo tanto de massa para comer na salsicha e no bolinho e se ele poderia explicar o porquê de sua resposta, e J. foi enfático em dizer que na salsicha havia menos, pois ela era menor. Então foi proposto a J. que transformasse a salsicha novamente em bolinho, e então ele disse *“Tá vendo tia agora elas têm a mesma massa, as duas são gordinhas”*

A psicopedagoga transforma uma das bolinhas em uma panqueca e pergunta a J. se ela possui a mesma quantidade de massa do bolinho que está ao lado, e ele responde que não, pois a panqueca é bem fininha. Então é perguntado a ele: “se a panqueca for transformada em bolinho novamente terá a mesma quantidade de massa para ser comida?” E ele responde que sim.

Após modelar novamente dois bolinhos, a psicopedagoga os fragmentou em dez pedaços dizendo que seriam bolachas e perguntou novamente se que quem comesse as dez bolachas comeria a mesma quantidade de massa de quem comece o bolinho, J. disse que não, e que não era justo, pois quem comece as bolachas comeria muito mais.

J. apresenta conduta não conservativa, pois em cada transformação julga uma das quantidades como maior. Ante as contra argumentações, a criança mantém ou troca o seu argumento de forma que haja sempre uma quantidade maior que a outra.

10 INFORME PSICOPEDAGÓGICO

I- Dados Pessoais

Nome: J.

Sexo: Masculino

Data de nascimento: 15/10/2011

Idade: 5 anos e 5 meses

Escola: C.B.III

Série: Jardim II

II- Motivo da Avaliação

J. foi relatado pela coordenadora pedagógica como uma criança inquieta e que possui grande dificuldade em seguir as regras do CEI, que tinha comportamento infantilizado para a sua idade, acreditando que suas ações são realizadas para chamar a atenção de todos a sua volta.

III- Período de Avaliação e Número de Sessões

As avaliações ocorreram entre os dias 20/03/2017 e 16/05/2017, através de 11 sessões.

IV- Instrumentos Utilizados

- a) Entrevista Familiar Exploratória Situacional;
- b) *Anamnese* (Anexo I);
- c) Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem;
- d) Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA) (Anexo J);
- e) Provas Projetivas (Anexo K e Anexo L);
- f) Provas Pedagógicas Piagetianas;
- g) Realismo Nominal;
- h) Observação (Anexo F), e;
- i) *House* “casa”, *Tree* “árvore”, *Person* “pessoa” (HT P). (Anexo M);

V- Análise dos Resultados nas Diferentes Áreas

- Pedagógico:

Após a realização dos testes percebe –se que J. consegue identificar e nomear algumas letras do alfabeto e que demonstra grande apreço pela leitura, a realizando através de livro de imagens e se atentando aos mínimos detalhes de cada imagem. Nos conhecimentos matemáticos consegue reconhecer e nomear formas geométricas e alguns números. Em suas brincadeiras utiliza contagem oral e consegue resolver pequenos problemas mentais de adição e subtração.

- Corporal

Na área psicomotora J. apresenta coordenação motora em construção e coordenação motora global esperados para a sua idade, consegue andar, pular e correr com agilidade. Reconhece as partes do corpo e tem boa orientação espacial e temporal.

- Cognitivo

J. encontra-se na fase pré-operatória de Piaget, em que a criança não aceita a ideia do acaso e tudo deve ter uma explicação (é fase dos "por quês"). Apresenta modalidade de aprendizagem em desequilíbrio quanto aos movimentos de assimilação e acomodação; sintomatizada na hiperacomodação, visto que demonstra pobreza de contato com o objeto, necessitando a todo momento de aprovação e de modelos a serem seguidos. Apresenta resistência aos limites, dificuldade para resignar-se.

- Afetivo-social

J. foi adotado por seu avô (não biológico) e sua avó materna, tendo eles relacionamento estreito com a aprendizagem e esses veem o Centro de Educação Infantil, frequentado por J., como um lugar onde ele poderá brincar e comer aos cuidados de profissionais, enquanto os mesmos “descansam” um pouco da criança, pois o referem como agitado e desordeiro.

A criança possui outros irmãos que são criados com outros familiares e mantém contato restrito com os mesmos, os vendo ocasionalmente e sem muita intimidade. J. não conhece seu pai e possui pouco contato com sua mãe, que é

usuária de drogas, segundo seu avô, e vive a perambular pelas ruas da cidade de Anápolis.

Neste campo J. apresenta a sua angústia a todo momento, ficando claro em todos os testes o seu pedido de ajuda para se encontrar. Apesar de a primeira vista parecer uma criança feliz, sorridente e sem limites, percebe-se que todas essas ações são para extravasar os sentimentos que o atormentam. Percebe-se que seu núcleo familiar é turbulento, pois em vários momentos relata brigas, que segundo ele aconteceram porque as pessoas em sua casa estavam alcoolizadas.

VI- Síntese dos Resultados Obtidos

Através da análise dos testes é possível concluir que o grande obstáculo entre J. e a aprendizagem se deve a seu aspecto afetivo e social, visto que do ponto pedagógico e cognitivo a criança está dentro dos padrões esperados. Sendo assim, a forma como ele se vê no mundo diante de toda a angústia, sofrimento e um possível abuso sexual o faz desejar a morte em vários momentos. É claro em seus testes a sua angústia em não compreender a falta da sua mãe e de não saber quem ele é, e para se livrar desta tormenta ele se transporta para o mundo imaginário, repetindo para si frases de desenhos animados e ao tentar ser uma outra pessoa para se afastar daquilo que lhe faz mal. A falta de compreensão das regras do seu ambiente escolar acontece por ele não entende o respeito ao outro, visto que isto não é praticado em seu ambiente familiar, pois querem que ele faça qualquer coisa, menos atrapalhar as outras pessoas.

VII- Encaminhamento

Sugere-se que o aprendente seja encaminhado a um Psicólogo para que possa realizar acompanhamento, visto que existe algo da ordem afetiva que compromete a sua aprendizagem e para que esse obstáculo seja superado é necessário que haja acompanhamento de um profissional habilitado para lhe dar suporte para superar a falta de sua mãe e seu desejo pulsante pela morte.

VIII- Recomendações e Indicações

- À família

Recomenda-se a família que oportunizem à criança momentos em que ela possa se sentir importante na sua rotina familiar, deixando que ela participe ativamente em tarefas diárias e que possa expressar sobre seus desejos, medos e fantasias.

Oportunizar a criança atendimento psicológico para que possam ser trabalhados sentimentos já instalados em seu interior como angústia, medo e abandono.

- À escola

Oportunizar a criança atividades que trabalhem valor e respeito mútuo, afim de que possa compreender e incorporar valores éticos e morais.

Realizar atividades em que as crianças possam dizer palavras carinhosas e motivadoras umas as outras, para que J. possa se sentir querido e amado pelas outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta foi possível observar o quanto o trabalho do psicopedagogo é árduo e minucioso, pois este deve ficar atento a pequenos detalhes, que darão o direcionamento para o real obstáculo para a aprendizagem do aprendente.

Sendo assim, a intervenção psicopedagógica clínica é imprescindível para compreender e solucionar possíveis entraves no processo de ensino-aprendizagem, pois através do diagnóstico se tem uma visão holística de vários fatores que possam comprometer este processo, tanto afetivo, pedagógico quanto fisiológico. Contudo, percebe-se o quanto o diagnóstico psicopedagógico clínico pode auxiliar várias pessoas de diferentes idades a tornar a aprendizagem algo prazeroso.

Depois de todos os testes aplicados e analisados, percebeu-se que os objetivos foram alcançados, pois concluiu-se que o aprendente necessita de acompanhamento em diversas áreas para minimizar e até solucionar os problemas por ele enfrentados e que todos os devidos encaminhamentos foram realizados.

REFERÊNCIAS

- ABPp. **Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 2010. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- ALMEIDA, N. J. R. de. Dificuldades de aprendizagem: uma reflexão sobre o sujeito complexo e a formação profissional. **Revista EDUC** – Faculdade Duque de Caxias, v. 01, nº. 01, jan-jun, 2014.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BUCK, J. N. **H-T-P: Casa – Árvore – Pessoa. Técnica Projetiva de Desenho - Manual e Guia de Interpretação**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2003.
- CARVALHO, L. de A.; ABREU, R. G. de A. Avaliação psicopedagógica institucional e políticas educacionais. **Revista de Educação**, v.14, n.18, 2011.
- GALARDINI, A.; GIOVANNINI, D. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131
- MACHINESKI, R. da S. *et. al.* **Atuação e potencialidades do psicopedagogo na área de recursos humanos empresarial**. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.7, N.13; 2011.
- OSTI, A.; MARCELINO, E. L. A importância do trabalho psicopedagógico: incentivo institucional e atendimento às crianças com dificuldades escolares. **Revista de Educação da Anhanguera Educacional S/A**, v. XI, n. 11, ano 2008. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/reduc/article/viewFile/165/162>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- PIAGET, J. **A função semiótica ou simbólica**. In: A psicologia da criança. Lisboa: Moraes, 1967.
- PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional**. Teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2009.
- RINALDI, C.; REGGIO E. A imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini: abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 75-80.
- SOUZA, G. A. D. B.de. Psicopedagogia institucional: possibilidades e limites no ensino superior. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações**, v. 11, n. 2, p. 561-566, ago./dez. 2013.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica Epistemológica Convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ANEXOS

ANEXO A – Declaração



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que _____

_____ É aluno (a) do curso de pós-graduação psicopedagogia clínica e institucional da Faculdade Católica de Anápolis e atendendo ao que dispõe a lei 9.394/96 (LDB) o mesmo (a) estará realizando estágio supervisionado, totalizando carga horária de 100 horas.

Anápolis, ___ de _____ de 20__

ANEXO B – Termo de Compromisso



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO

Eu, _____

Aluno (a) de pós- graduação em psicopedagogia clínica e institucional da Faculdade Católica de Anápolis Turma --- Anápolis-Goiás assumo compromisso da realização em estágio supervisionado junto a católica de Anápolis ao cumprimento que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) totalizando a carga horária de 100 horas, no período de ____ , ____ de 20____ a _____ (descontando-se o período de férias – julho). Ciente de tratar-se de prática curricular obrigatória como garantia à certificação, e que o não cumprimento do mencionado estágio no prazo estabelecido implicará em minha reprovação.

Anápolis, _____, de ____ 20 ____

Assinatura: _____

C.P.F: _____

R.G: _____

ANEXO C – Encaminhamento



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL
Estágio Supervisionado Em Psicopedagogia Clínica**

ENCAMINHAMENTO

Estamos encaminhando o (a) aluno (a) _____
_____ Nascido (a) em ____/____/____,
regularmente matriculado na ____ série estando em processo de avaliação
psicopedagógica e necessita de: _____

Hipótese Diagnostica:

Observações:

Anápolis, ____ de ____ 20____ .

Ana Maria Vieira de Souza
Psicopedagoga-Supervisora de
Estágio Clínico Psicopedagogia
Psicopedagogia

Aluno Estagiário
Pós-Graduação

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
E INSTITUCIONAL
PROF^a ANA MARIA VIEIRA DE SOUZA
ESPECIALISTA
Termo De Consentimento Livre E Esclarecido**

Profissional: Ana Maria Vieira de Souza. Pedagoga-Psicólogo-Psicopedagoga

Estagiário: _____

Eu, _____

aceito participar do Processo de Atendimento Psicopedagógico, cujo objetivo central é o de atender o participante oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenção psicopedagógicas.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões, submetendo-me a atividade de testes, entrevistas, e observações por parte do estagiário de psicopedagogia.

Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias.

Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidencia toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho as pessoas interessadas.

Anápolis, _____ de _____ de 20 ____ .

Assinatura do Participante

Assinatura do Profissional Responsável

Assinatura do Aluno Responsável

ANEXO E – Ficha de Estágio

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL Anápolis - GO**



**Estágio de aperfeiçoamento profissional PSICOPEDAGOGIA
Controle da frequência do aluno nas atividades de campo**

1. Identificação do estágio _____

Estágio psicopedagogia clínica

Campo de estágio _____

Nome do professor-supervisor: Ana Maria Vieira de Souza

Nome do profissional de campo _____

Nome do estagiário _____

2. FREQUÊNCIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO

Data	Carga-horária	Atividade desenvolvida	Assinatura

A assinatura da frequência de atividade de campo seguirá o seguinte procedimento:

Estágios em instituições conveniadas: O Gestor da instituição, responsável pelas atividades de campo do aluno, assinará a frequência das atividades.

ANEXO F – Observação da Instituição – Roteiro

Observação de campo
Observação na instituição – Roteiro**1ª ETAPA – ENTREVISTA**

1- IDENTIFICAÇÃO

Nome da instituição: _____

Endereço: _____

Pessoa responsável: _____

Cargo que ocupa: _____

2- OBJETIVOS DA INSTITUIÇÃO:

3- HORÁRIOS DE ATENDIMENTO:

Período matutino: das _____ às _____

Período vespertino: das _____ às _____

Período noturno: das _____ às _____

4- UNIVERSO ESTUDANTIL:

Quantidade de alunos:

Período matutino: (_____) – Faixa etária: _____

Período vespertino: (_____) – Faixa etária: _____

Período noturno: (_____) – Faixa etária: _____

Total: _____ alunos

Sexo: _____ (Predominância) _____

Nível sócio-econômico-cultural: _____

Regime de atendimento – (por turnos/ internato/ semi-internato). Etc.

5- ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA

INSTITUIÇÃO: _____

Hierarquia administrativa: _____

Hierarquia do pessoal técnico: _____

2ª ETAPA: ESTRUTURA FÍSICA

Tipos de dependências:

Salas de aulas:

Número e tamanho:

Estado de conservação/ limpeza/ ventilação e iluminação:

Pátio de recreação/ brinquedos:

Banheiros:

Sala de aula do aprendiz em estudo:

3ª ETAPA: ATIVIDADES DESENVOLVIDASOs alunos:

Os professores e equipe:

Os pais:

A comunidade:

Os alunos com problemas de aprendizagem:

OUTRAS INFORMAÇÕES COLETADAS:

Assinaturas:

Diretoria ou Responsável:

Estagiário (a):

ANEXO G – Observação da Criança no Espaço Escolar

Investigação escolar: “QUEIXAS”**ASPECTOS EMOCIONAIS/ AFETIVOS; COGNITIVOS/ PEDAGÓGICOS E
SOCIAIS:**

Nome do (a) Aprendiz: _____ idade: ____ série: ____

Favor marcar, com um círculo, o sinal que indica como o aprendiz se apresenta no momento.

Sinal:	Correspondente:
-	não apresenta
+	apresenta ocasionalmente
++	apresenta frequentemente
+++	apresenta muito

ASPECTOS EMOCIONAIS E AFETIVOS

Hiperatividade:

Não para quieto durante a explicação do (a) professora (a): _____ - + ++ +++

Não para quieto durante a explicação de tarefas: _____ - + ++ +++

Dispersão (distrai-se com qualquer coisa estímulo extremo): _____ - + ++ +++

Inabilidade nas atividades motoras (desenhar, cortar amarrar): _____ - + ++ +++

Inabilidade “ “ globais (esporte, ginásticas): _____ - + ++ +++

Problemas de fala (troca de fonemas): _____ - + ++ +++

Problemas de fala (gagueira): _____ - + ++ +++

Problemas de fala (fala alto mesmo próximo do ouvinte): _____ - + ++ +++

Problemas “ (troca de fonemas e gagueira): _____ - + ++ +++

Tiques de qualquer tipo (piscar, barulhos com a boca): _____ - + ++ +++

Demonstra interesse diante de situações novas: _____ - + ++ +++

Intolerância à frustração (ansioso ou negativista): _____ - + ++ +++

Agressividade com os colegas: _____ - + ++ +++

Agressividade com os adultos (professores): _____ - + ++ +++

Agressividade com os objetos e/ ou animais: _____ - + ++ +++

- Timidez com os colegas: _____ - + ++ +++
- Timidez com os adultos: _____ - + ++ +++
- Choro: _____ - + ++ +++
- a) Frequente _____ - + ++ +++
quando e por quê?: _____

- b) Crises de birras, quando e por quê?: _____ - + ++ +++
- c) Auto-estima: sempre rebaixada: _____ - + ++ +++
sempre em alta: _____ - + ++ +++
- Dificuldade no aprendizado (não acompanha a classe) _____ - + ++ +++

Escrita:

- a) Troca, inversão, acréscimo ou omissão de letras: _____ - + ++ +++
- b) Disgrafia (letra feia, tremula): _____ - + ++ +++
- c) Números malfeitos, sem ordem: _____ - + ++ +++
- d) Escreve fora da pauta (entre as linhas): _____ - + ++ +++
- e) Escreve fora da pauta (sobe/ desce linha): _____ - + ++ +++
- f) Escreve com facilidade as palavras ditadas, (não pede para repetir, nem fica pronunciando-as baixo): _____ - + ++ +++
- g) Caderno sujo, rasgado (tanto apagar): _____ - + ++ +++

Leitura:

- a) Troca, inversão, acréscimo ou omissão de letras: _____ - + ++ +++
- b) Inventar palavras ou sinônimos: _____ - + ++ +++
- c) Leitura sem ritmo, pontuação, pressa: _____ - + ++ +++
- d) Oralidade (leitura fluente com o texto desconhecido: _____ - + ++ +++
- e) Material para leitura próximo aos olhos: _____ - + ++ +++
- f) Linguagem (favorável para expressar ideias, desejos, sentimentos e interesses)
(vocabulário rico): _____ - + ++ +++

Raciocínio lógico-matemático:

Cálculo:

- a) Dificuldade no aprendizado da aritmética: _____ - + ·
- b) Troca o algarismo: _____ - + ++ +++
- c) É capaz de seriar, ordenar e classificar: _____ - + ++ +++
- d) Associa/ agrupa: _____ - + ++ +++
- e) Reparte/ separa/ exclui: _____ - + ++ +++
- f) Opera com facilidade (as operações de reagrupamento e do reserva): - + ++ +++
- g) Dispensa recurso (material concreto para cálculos mentais ou registros): - + ++ +++

Aspectos sociais (sociabilidade)

- a) Sabe cuidar e proteger-se diante de situações de perigo: _____ - + ++ +++
- b) Participa das atividades de grupos (em classe): _____ - + ++ +++
- (horário do recreio): _____ - + ++ +++
- c) Impõe suas ideias: _____ - + ++ +++
- d) Ouve as ideias dos colegas: _____ - + ++ +++
- e) Prefere fazer o que é sugerido pelo grupo, nunca discutindo o que deseja fazer:
 _____ - + ++ +++
- f) Guarda segredos: _____ - + ++ +++
- g) Está sempre contando o que outros estão fazendo: _____ - + ++ +++
- h) Suas amizades são, de preferências, com crianças: do mesmo sexo__ - + ++ +++
- Maiores: _____ - + ++ +++
- Menores: _____ - + ++ +++
- i) Suas brincadeiras são aceitas pelos colegas: _____ - + ++ +++
- j) Aceitas sugestões de outras brincadeiras: _____ - + ++ +++
- k) Percebe a realidade e responde a ela, adequadamente: _____ - + ++ +++
- l) Motiva os colegas (situações de aula e fora dela): _____ - + ++ +++

Escreva outras informações que julgar necessárias:

1º SISTEMA DE HIPÓTESES

DIMENSÃO FUNCIONAL	LINHA DE PESQUISA
DIMENSÃO CULTURAL	LINHA DE PESQUISA

Data: _____ Assinatura: _____ (estagiário)_____

2º SISTEMA DE HIPÓTESES

DIMENSÃO FUNCIONAL	ANAMNESE
DIMENSÃO CULTURAL	ANAMNESE

Data: _____ Assinatura: _____

ANEXO I – Ficha de *Anamnese***ANAMNESE****A – IDENTIFICAÇÃO:**

Nome do (a) cliente: _____ idade:

Sexo: _____ Data de Nascimento: _____ local: _____

Endereço: _____

Fone: _____ celulares Pai: _____ Mãe: _____

Escola: _____ Série: _____

_____ Turma: _____

B - CONSTELAÇÃO FAMILIAR:**PAI:** _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade:

Local de trabalho: _____ Fone: _____

Se mora separado da família, endereço: _____ Fone: _____

MÃE: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade:

Local de Trabalho: _____ Fone: _____

Se mora separado da família, endereço: _____ Fone _____

B- 1 - RESPONSÁVEIS:

Nome: _____

Grau de parentesco _____ Idade: _____ Profissão: _____

Escolaridade: _____

B- 2- IRMÃOS:(citar idade, sexo, escolaridade)

B- 3- PARENTESCO:

Há parentesco entre os pais? _____ Se sim, qual é o grau deste parentesco?

Pais casados() separados() pai ausente() motivo _____

Mãe ausente () motivo _____

Pais adotivos() com que idade (da criança) assumiram a guarda? _____

Qual(quais) o (s) motivo (s) que levaram a adotar uma criança?

A condição de filho (a) adotado(a) é sabida pela criança? Sim() Não ()

Se SIM, desde quando tomou conhecimento? _____

Qual foi a reação? _____

Se NÃO, qual (ais) o (s) motivo (s) que impede (m) de tomar conhecimento?

C - CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO: (especificar épocas dos itens assinalados)

Gravidez planejada – Sim () Não ()

Houve:

Quedas- S () N () ; Ameaças do aborto – S () com quantos meses? _____ N ()

Alguma doença? S () (qual (is) _____) N ()

Uso de medicamentos S () (qual (is) _____) N ()

Raio X- S () com quantos meses? _____ N ()

Evolução da gravidez:

Visitas periódica (mensais) ao médico (PRÉ NATAL): Sim () Não ()	mensalmente? Sim () Não () Adquiriu muitos pesos durante a gravidez? Sim () quantos?_ Não ()	Fumava Sim () quantos cigarros? _____ Não () Bebida alcoólica: Sim () quantos copos? _____ Não ()
--	--	---

Fez ultra -sonografia? Sim () Quantas? _____ Não ()
Para quê? e por quê?

O bebê mexia muito?

Sim () Quando? _____

Não ()

D – CONDIÇÕES DO PARTO:

Prematuro () ; com os nove meses completo () ; Bolsa estourou em casa ()

Em casa () – quem fez? _____

Ao nascer, a criança chorou logo? Sim ()

Não () por quê? _____

No Hospital ()

Parto Normal () Cesariana () Demorado () Forçado() com Fórceps ()

E - CONDIÇÕES DO NASCIMENTO:

Chorou Sim () Não ()

Icterícia Sim () Não ()

Cianose (pele azulada/ roxa) Sim ()

Convulsão Sim () Não ()

Outras dificuldades ao ocorridas ao nascer:

F – ALIMENTAÇÃO:

Depois de quantas horas de nascido (a) chegou para mamar a primeira vez? _____ Horas.

Dificuldades para sugar o bico do seio?

Sim () Não ()

As vezes mamava mas fazia o bico do seio

como se fosse chupeta - Sim () Não ()

Rejeição ao bico - Sim () Não ()

Mamava com exagero - Sim () Não ()

Rejeição ao leite - sim () Não ()

Mamava de madrugada - Sim () Não ()

Sugou com dificuldades - Sim () Não ()

ATÉ _____ MÊS

Adormecia ao seio - Sim () Não ()

Fazia vômitos – Sim () Não ()

Prisão de ventre – Sim () Não ()

Muita? Sim () Não ()

Mamou durante quanto tempo? _____

Começou a comer comida pastosa quando? _____ E sucos? _____

Quando começou a comer comida de sal? _____

Que tipo de comida? _____ Era inteira () ou amassada ()

Se amassada (papinha), por quê? _____

Durante quanto tempo? _____

Qual foi a reação ao receber esse novo tipo de alimento? _____

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do seio? _____

Caso não tenha amamentado no seio, por quê?

O que tentou fazer até chegar, realmente a dar o alimento através de mamadeiras?

Aconselhada por quem?

G – DESENVOLVIMENTO: (responde em meses ou idade, anos)

Firmou a cabeça com _____ meses

Engatinhou aos _____ meses

Primeiro dentinho _____ meses; babou até _____ meses.

Falou aos _____ meses

Controle das fezes aos _____ anos

Sentou-se _____ meses.

Controle da urina durante o dia aos _____ anos

Andou –se _____ meses

Controle da urina, à noite aos _____ anos

Mão que começou a usar com mais frequência:

D () E ()

Possíveis (primeiras) palavras (se vocês lembrarem!)

Deficiência na fala: Sim () Não ()

Se SIM quais? _____

Convulsões, com febre: Sim () Não ()

Se SIM, quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?

Convulsões, sem febre Sim () Não ()

Se SIM, quantas quando e por quê? O que foi descoberto?

Doenças – Quais?

Internações: Sim () Não ()

Se SIM, quantas, quando e por quê?

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança?

Quem? Quando? E por quê?

H – SONO:

Tranquilo; () agitado; () difícil; ()

Com interrupções; () durante o dia; ()

durante o dia; () a noite; ()

Range os dentes; () fala/ grita; () chora; () Ri;

()

Sonambulismo; ()

Tem pesadelos constantes; ()

Dorme no quarto dos pais; ()

Precisa de companhia até “pegar” no sono; ()

Levanta a noite e passa para a cama dos pais ou irmãos ()

Tem companhia (irmãos ou babá) que dorme no mesmo quarto; ()

I – MANIPULAÇÕES

Usou chupeta Sim () Não ()

Tempo _____

Chupou / chupa: Sim () Não ()

Tempo _____

Roeu ou rói as unhas Sim () Não ()

Quando _____

Arranca os cabelos Sim () Não ()

Quando _____

Morde os lábios Sim () Não ()

Quando _____

Pisca o (s) olhos (num gesto de tique) Sim () Não () Quando _____

Quais atitudes tomada diante de cada ou de todos esses hábitos comportamentais?

J – SEXUALIDADE:

Curiosidade despertada () com que idade?

Masturbação: Sim () Não () – com que idade?

Local: Quarto () Banheiro () Qualquer local? ()

Quando percebeu este comportamento?

Por quê?

Envolve (eu) em jogos sexuais? Sim () Não () Sozinha () com outras crianças
() Quando? (Descreva a situação)

L- SOCIABILIDADE:

Quando bebê, ia facilmente

Recebe (ia) com frequência a

Adaptava-se facilmente.

Com outras pessoas?

Visita de amigos? S () N () meio, com

outras crianças?

visita (va) com frequência a

S () N ()

S () N ()

Prefere brincar sozinho

Casa dos amigos? S () N ()

S () N ()

Com que frequência larga (va) os

mesmo brincando com

faz amigos facilmente?

Seus brinquedos para brincar

brinquedos de outras crianças

S () N ()

Com os brinquedos dos outros?

Não deixava brincar com os seus?

Tem amigos? S () N ()

S () N ()

S () N ()

Conserva as amizades?

Socializa (va) os seus

Aceitava que outra (as) crianças

S () N ()

Brinquedos? S () N ()

assentassem no colo de pessoas

Não aceita (va) outras

conhecidas, como: mãe, avó

Crianças brincando com os

babá? S () N ()

S () N ()

Atualmente, como está a socialização dele (a), na escola, na família e em outro ambiente? Gosta de sair ir ao shopping, em festas, em clubes, enfim, de conviver com outras pessoas e outros ambientes? (Procure descrever)

Descreva um dia (de 2ª a sábado, quando os adultos estão trabalhando) de seu (sua) filho (a) (continue sendo fiel às informações)

Descreva um dia de seu (sua) filho (a) com um colega. (Continue sendo fiel às informações)

Descreva um domingo de seu (a) filho (a) (continue sendo fiel às informações)

M- RELAÇÕES AFETIVAS

Descreva quando ocorre, e torna-se incômodo:

Choros:

Fantasias:

Mentiras:

Emoções:

Quando ocorre demonstrações de:

Carinho: com quem?

Ciúmes: de quem?

Piedade: de quem?

Inveja: de quem?

Raiva/ódio: de quem?

Amizade: com quem?

Prefere amigos: mais velhos (); mais novos (); mesma idade ().

Como são as brincadeiras e as relações afetivas (alegria, tranquilidade, solidariedade, indiferença, imposição e outros) com os amigos:

Mais velhos?

Mais novos?

Da mesma idade?

E quanto aos animais? Possui algum (ns)? Qual (is)

N- ESCOLARIDADE:

Frequentou creches? S () N ()
vezes ()

Gosta da escola? S () N () as

Frequentou maternal? S () N ()
tarefas? S () N ()

Recebe ajuda para fazer as

Frequentou pré-escola? S () N ()
Mudou muito de escolas? S () N ()
() N ()

O pais ou outra pessoa estudam
com a criança ou adolescentes? S

Vai bem na escola? S () N ()

quem?

Procura estar em destaque na sala de aula? S ()

N ()

Gosta do (s) professor (res)? S () por quê?

N ()

Se é o primeiro ano neste colégio, procure resumir como foi a primeira semana.

No momento, como ele (a) se encontra na escola, em relação:

Ao Colégio?

A si mesmo?

Aos colegas?

À família? Pai:

Aos professores?

Mãe:

Às matérias?

Irmãos:

O- DOS ADJETIVOS ABAIXO, QUAIS OS QUE APLICAM MELHOR EM SEU

(SUA) FILHO (A)

Atento ()	lento ()	persistente ()	criativo ()
Observador ()	cruel ()	criativo ()	agressivo ()
Descuidado ()	sociável ()	curioso ()	mimado ()
Cauteloso ()	sensível ()	desinteressado ()	inseguro ()
Cuidadoso ()	rápido ()	inquieto ()	carinhoso ()
Impetuoso ()	ativo ()	introspectivo ()	chorão ()
Indiferente ()	participativo ()	teimoso ()	independente ()
Preocupado ()	interessado ()	submisso ()	dissimulado ()
Asseado ()	esperto ()		

ANEXO J - EOCA

ANEXO K – Eu e Minha Família

ANEXO L – Par Educativo

ANEXO M – H.T.P